Os contos do tio Joaquim

Rodrigo Paganino

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Os contos do tio Joaquim

Rodrigo Paganino

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

15.º VOL. DA COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

OS CONTOS DO TIO JOAQUIM

COLLECÇAO ANTONIO MARIA PEREIRA

RODRIGO PAGANINO

OS CONTOS DO TIO JOAQUIM

3.ª EDIÇAO

LISBOA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

50, 52, Rua Augusta, 52, 54

1900

Typographia da Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA _11, Beco dos Apostolos, 1.º_

INDICE

Prefacio da 2.ª edição 5

I—O tio Joaquim 13

II—O romance de um sceptico d’aldeia 21

III—A proposito da missa do dia 37

IV—Os domingos de fóra da terra 49

V—Os retratos de familia 59

VI—O fructo prohibido 69

VII—A gallinha da minha visinha 95

VIII—O guarda do cemiterio 107

IX—Como se ganha uma demanda 133

X—O sexto mandamento 155

XI—O Thomaz dos passarinhos 173

XII—A historia do narrador 199

PREFACIO DA 2.ª EDIÇÃO

Rodrigo Paganino e a critica

Um livro apparece, ao fugir do anno! Quando o sol está descoberto, quando tudo se cala no campo, como se o frio gelasse os menores ruidos, quando um somno lethargico se apodera das plantas, e as esperanças, a alegria, as flôres desapparecem da terra, um mancebo atira aos destinos o seu primeiro livro, atravez dos nevoeiros de dezembro!

Depois, como se fosse ainda pouco esta especie de ironia á sorte, _habent sua fata libelli_, declina a gloria de auctor sobre um pobre homem a quem conhecera em tempos, e que não tinha de litterato senão saber guiar uma junta de bois, conduzir a rabiça de um arado, ser grande menino na poda e na empa, e, para fazer um pé de lagar ou erguer uma meda de pão, dar conselhos apenas comparaveis aos do _Archivo Rural_!

Tio Joaquim se chamava esse amigo, que, depois de narrar muitas historias a Rodrigo Paganino, lhe disse poucos momentos antes de morrer:—«Agora acabaram-se os contos. Lembre-se de mim quando se lembrar d'elles; é a herança que lhe deixo.» Para outro qualquer, este legado teria algum parentesco com o de Rebollo pae, que na hora extrema concedia a seu filho a certeza de lhe deixar uma boa cabeça; mas Rodrigo Paganino, para honrar a memoria do velho, entendeu que devia dos contos d'elle fazer um bom livro, e foi o que fez!

Ha qualidades n'esta obra que bastam por si sós para firmar a

reputação de um escriptor. Um estylo espontaneo, claro, sem arrebiques nem pretenções, mas airoso, facil, cheio de côr, de propriedade, e, o que mais é, de razão. Conhece-se apenas que é um mancebo quem escreve, pelos dotes de imaginação, pela graça das divagações, pelo tom breve das phrases; a idéa é sempre séria, prudente, exacta. Não se deixa levar de extravagancias que tendam a affectar excentricidade; é excentrico ás vezes sem se sentir, excentrico com chiste, excentrico com feição. Não planeia os effeitos, não prepara a phrase final, não hesita ante um adverbio por ser commum; concebe a acção, dispõe-a, depois deixa-se ir escrevendo, com uma rapidez, com uma veia, com uma facilidade de elaboração, que julga sentir-se a penna a conduzil-o, em vez de o sentir a conduzir a penna. E isto é o que dá a principal individualidade do livro, é este o segredo d'aquella maneira regular e serena, que só procura encantos na sua simplicidade. Faz-me lembrar os primeiros livros d'Alphonse Karr, em que elle escrevia ao publico como a um amigo desconhecido, cheio de familiaridade e de confiança. Rodrigo Paganino é d'esta familia de talentos; não procura impôr-se ao leitor; simplesmente trata de se identificar com elle. O merecimento dos _Contos do tio Joaquim_ não consiste na maior ou menor novidade da fabula, nos effeitos de surpreza mais ou menos habilmente preparados, mas na pintura dos caracteres e dos costumes. Cada um dos seus personagens é desenhado com tanta espontaneidade, que fica vivo, real, palpavel, e toma o seu logar n'esta grande familia de seres creados pela arte, mais verdadeiros do que a verdade, particulares e geraes, individuaes e humanos, corpos de carne transfigurados em estatuas. Ha escriptores para quem a rapidez de trabalho é uma condição favoravel, e com o auctor d'este livro julgo dar-se este caso;

se elle escrevesse com uma pachorra de academico, faria talvez um livro indigerivel. O seu estylo é claro, preciso, e franco; e, a exceptuarmos algumas raras passagens em que apparece o auctor, cada personagem falla perfeitamente a linguagem do seu caracter.

Encontrei-me com o auctor dos _Contos do tio Joaquim_, ao entrarmos na vida; fizemos aulas juntos, e juntos fizemos versos; tinhamos quinze annos então:—hoje encontramo-nos de novo, cada um de nós, como outr'ora, com o seu livro na mão, mas a differença é que do livro que levamos hoje somos nós o auctor! Isto é mau, ou, pelo menos, bom não é. Mais valia talvez ser estudante ainda. Ao vêr-se no frontespicio de uma obra o nome do que a escreveu, qual de vós cogita que foi á força de trabalho, de paciencia, de miseria supportada heroicamente, de privações e de luctas de toda a especie, que ao fim de alguns annos, ao vencer os ataques da critica e as invectivas da inveja, teve um homem o direito de escrever o seu nome na primeira pagina de um volume, esquecendo-se de que o injuriaram no seu talento, na sua vida, no seu coração, e que o seu peito serviu de alvo luminoso ás flechas atiradas de noite por uma cambada de archeiros invisiveis?!

Para viver tranquillo e feliz, é melhor fechar hermeticamente a porta, e não abrir a quem bater, sobretudo se fôr a gloria. Apesar da sua mascara de anjo, não passa do esqueleto vestido de lantejoulas; namora-se uma pessoa d'ella, para se arrepender depois centos de vezes; em todo o caso, hoje que o barco vae n'agua, como dizem os maritimos, é continuar a remar! Que atraz dos _Contos do tio Joaquim_ venha outra obra, na certeza de que, digo-o sem cumprimento ao auctor, o despedir-se o anno por este livro é o sufficiente para deixar lembranças na litteratura.

Dezembro de 1861.

JULIO CESAR MACHADO.

* * * * *

Appareceu um finalmente, um livro, cujo auctor abençoei com todas as veras do meu coração. Infeliz! Morreu já.

A meu vêr, desappareceu com elle um dos mais promettedores talentos de romancista popular que teem surgido entre nós. O auctor era _Rodrigo Paganino_, o livro _Os contos do tio Joaquim_.

A imprensa havia recommendado pouco este livro.

Tem d'esses descuidos a imprensa. Li-o por isso sem a menor prevenção favoravel. Mas era justamente um livro assim, que Reine Garde pedia; é d'este genero de litteratura que o povo precisa; é por esta fórma que se resolve a importante questão das subsistencias intellectuaes, não menos valiosa do que a que occupa as attenções dos economistas.

Pouco tempo antes, discutia-se primazias entre os Lusiadas e o poema do sr. Thomaz Ribeiro; tratava-se de tirar a limpo qual dos dois seria preferivel como livro para leitura nas aulas de instrucção primaria.

Todos se lembram d'essas renhidas controversias. Eu por mim nunca pude tomal-as a sério n'aquelle ponto. Achei sempre muita graça ao empenho em que via mettidos os criticos. Quem se podia convencer sériamente que qualquer d'aquelles excellentes livros fosse proprio para as intelligencias infantis dos pequenos leitores? Um com o seu sabor classico e epico e suas comparações mythologicas, o outro com

o seu pronunciadissimo caracter de lyrismo e suas imagens romanticas e arrojadas, e ambos a suscitarem fundamentadas apprehensões nos mestres por um ou outro episodio que, baldados os esforços dos criticos, ninguem poderá considerar como demasiado edificantes.

Ora, quando eu li o livro de Paganino, pareceu-me encontrar n'elle justamente tudo o que debalde os criticos procuravam nos outros. Aquelle sim que era um livro verdadeiramente escripto para o povo e para as creanças! livro em que a attenção se prende pela verdade, em que o gosto se educa pelo estylo, em que o sentimento se cultiva por uma moral sem liga, porque é a moral do decalogo e do evangelho; livro escripto segundo o programma estabelecido por Lamartine n'aquelle bello prefacio da _Genoveva_ e talvez mais fielmente observado ainda por o nosso romancista do que por o proprio legislador. Lembra-me bem que o li a um rancho de raparigas do campo e pude observar como ellas o comprehendiam sem custo. Não havia uma palavra que ignorassem, uma maneira de dizer que lhes causasse estranheza, as imagens faziam-as sorrir pela exactidão, como sorrimos ao vêr o retrato fiel d'uma pessoa conhecida; não eram caracteres extravagantes, paixões excepcionaes, situações inesperadas e unicas o que assim lhes absorvia a attenção; pelo contrario, era por aquelles personagens pensarem, sentirem e viverem como ellas, que tanto lhes interessava o livro.

Foi uma grande perda a de Rodrigo Paganino! E, vejam, aquelle volume, escripto para se lêr no campo, como eu o li, junto á fogueira que crepita no lar, sobre a ponte rustica que atravessa o ribeiro ou no degrau da ermida que, elevando-se no topo do monte, domina a aldeia toda, passou quasi desapercebido no mundo das lettras. Não suscitou

esse murmurio litterario, que acompanha certas obras felizes; murmurio em que se reune o louvor á maledicencia, a hyperbole laudatoria á calumnia escandalosa, os guindados elogios ás censuras exageradas. Foi um livro annunciado apenas, lido por poucos, comprado por menos, livro cujo auctor não tem sequer o seu retrato gravado na _Revista Contemporanea_ e que por tanto quem quer tem o direito de desconhecer. E apezar de tudo isso, aquelle livro, como disse não sei quem a respeito de não sei que obra, era alguma coisa mais do que um bom livro: era uma boa acção!

Acceitem-se-me estas palavras, não a titulo de critica litteraria,—Deus me defenda de pretenções a esse genero—, mas como um tributo rendido á memoria de um escriptor infeliz a quem sou devedor de algumas horas de incomparavel prazer, que a sua leitura me proporcionou.

Maio de 1861.

JULIO DINIZ.

* * * * *

Rodrigo Paganino morreu ha pouco menos d’um anno, deixando de si, como homem, muita saudade em muitos; e, como escriptor, um livro precioso, e não somenos inedito. Morreu, passou, desappareceu d’entre amigos, levantou-se aos vinte e oito annos, como Gilbert, do banquete da vida, trocou a purpura do genio pela mortalha funebre; e a raça enorme dos papagueadores, dos chroniqueiros, dos assopradores encartados de reputações e de nomes, quando o via passar para a sua cova tartamudeou quatro palavras de _requiem_,

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com